

COSTA, Daniel S. **Autobiografia na cena contemporânea**. Mestrado em Artes da Cena. Orientação: Profa. Dra. Grácia Maria Navarro. I Seminário de Pesquisas do PPG Artes da Cena, Campinas, Unicamp, 2013.

RESUMO

Este projeto apresenta teceduras de um modo de fazer nas artes da cena utilizando-se do suporte autobiográfico no percurso criativo. Desse modo, pretendemos elucidar algumas dessas tessituras do processo legitimando-o enquanto produção de conhecimento através da práxis artística, da experiência sensível. Apresentamos o conceito de autobiografia em analogia ao fazer artístico e em sequência apresentamos a possibilidade de um laboratório de criação amalgamado em realidade/ficção.

Palavras-chave: Autobiografia; Corpo, Processo Criativo.

ABSTRACT

This project presents weavings of a way to make the arts scene using the autobiographical support the creative process. Thus, we intend to elucidate some of these weavings process while legitimizing the production of knowledge through artistic praxis, of sensitive experience. Introducing the concept of autobiography in analogy to the artistic and sequentially present the possibility of a laboratory setting amalgamated into reality/fiction.

Keywords: creative process; autobiography; body.

Este texto apresenta reflexões sobre um projeto¹ em desenvolvimento e que promove um estudo voltado para o corpo expressivo e para o processo criativo em dança, por meio de um intercâmbio entre o estudo de teorias do corpo e o exercício prático e sistemático da criação. Com base na ideia de experiência, de um corpo vivido e pensado, conforme a visão do filósofo Maurice Merleau-Ponty (2006), é proposta no estudo teórico-prático a investigação dos fundamentos técnicos-criativos de um processo criativo em dança, ou seja, das tessituras que subsidiam a elaboração estética.

Orientando-se na fenomenologia da percepção de Ponty o estudo lança olhares para o corpo contemporâneo, inserido em nossa sociedade no contexto da pós-modernidade, cuja principal característica é o fato de que, a ideia do *eu*, estando o sujeito completamente minguado e enfraquecido, coincide com a noção de identidade e esta, por sua vez, não encontrou outro lugar para manifestar-se senão o próprio corpo físico (GHIRALDELLI JR, 2007).

Partindo do que foi vivenciado pelo criador-intérprete, Daniel Costa, ao logo da graduação em dança (2006-2010) e de todas as experiências vinculadas ao corpo, às manifestações da cultura popular brasileira, especialmente na Folia de Reis, chegamos na ideia de autobiografia dançada desenvolvida no projeto *“Investigando corpos íntegros e expressivos: um experimento de dança”*² que previu novos contatos e desdobramentos para uma pesquisa de campo em espetacularidades da cultura popular brasileira e, novamente as Folias de Reis, na cidade de Campinas (SP).

¹Tessituras de um processo criativo em dança: o suporte autobiográfico na construção da cena coreográfica contemporânea é projeto desenvolvido por Daniel Santos Costa no Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena no Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas sob a orientação da Profa. Dra. Grácia Marina Navarro.

² Projeto de Iniciação Científica desenvolvido sob minha autoria e orientação da Profa. Dra. Marília Vieira Soares – 2010/2011.

O referido contato com a Folia possibilitou referenciar aspectos da própria formação do artista, além de criar novas referências a partir da visão da criação da cena. Sendo assim, foi uma oportunidade de experienciar, de receber, de trocar, pois “(...) o contato e comunicação com o outro que nos leva a refletir sobre nós próprios e acionar processos de transformação e redefinição de identidade (MULLER, 2005, p. 72).”

Como um dos resultados do projeto foi possível reiterar que o sentido de corpo íntegro e expressivo vincula-se ao posicionamento marginal na sociedade contemporânea dos manifestantes populares, considerando-se, que, estando à margem de certos imperativos sociais da contemporaneidade, esse corpo ganha uma dimensão além do *visível*, sem ter que representar *tipos* “frágeis ou vazios” de acordo com o pensamento de Ghiraldelli Jr (2007). Assim, o sentido de integridade, de totalidade garantiria ao corpo a expressividade.

No contato com esses corpos íntegros e expressivos situados na experiência sensível do processo criativo em dança, foi possível apontar uma íntima relação com a manifestação que culminou na resultante coreográfica autobiográfica, numa relação de inevitável contaminação, entre ficção e realidade. A partir desse contato, o criador-intérprete apropria-se da noção de pertencimento com as manifestações de Folias de Reis.

Foi desse modo que alcançamos a ideia de autobiografia. Investigando referências sobre a definição do termo e buscando uma analogia entre um modo de fazer em dança através de uma autobiografia dançada e a autobiografia escrita e deparamos-nos com a definição de MIRANDA (2009, p. 30):

A autobiografia, mesmo se limitada a uma pura narração, é sempre uma auto-intepretação, sendo o estilo o índice não só da relação entre aquele que escreve e seu próprio passado, mas também o do projeto de uma maneira de dar-se a conhecer ao outro, o que não

impede o risco permanente do deslizamento da autobiografia para o campo ficcional, o seu revestir-se da mais livre invenção.

A pesquisa autobiográfica pretende que a partir da narrativa de si, o narrador retome sua história, sua formação e sua atuação profissional para (re) significá-la. Esse tipo de pesquisa analisa as modalidades segundo as quais os indivíduos e, por extensão, os grupos sociais trabalham e incorporam biograficamente os acontecimentos e as experiências. Há a possibilidade de ampliar e produzir conhecimentos sobre a pessoa em formação, suas relações com territórios, tempos, seus modos de ser, de fazer e de biografar resistências e pertencimentos.

A abordagem autobiográfica na pesquisa científica tem crescido consideravelmente, ampliando seus usos e potencialidades como método de investigação, principalmente na área das ciências humanas. Aqui, destacamos a obra “Experiências de vida e formação” de Marie Christine Josso (2010) e a coleção “Pesquisa (Auto)biográfica - Educação”, editadas pelas editoras EDUFERN e PAULUS, entre 2008 – 2010. A coleção *questiona: De que modo os percursos de vida contemporâneos, caracterizados pela pluralidade das experiências educativas, sociais e profissionais, singularizam-se nas histórias individuais?* (JOSSO, 2010). Além do questionamento, pontua as fontes (auto)biográficas, constituídas por: histórias de vida, relatos orais, fotos, diários, autobiografias, biografias, cartas, memoriais, entrevistas, escritas escolares e videográficas.

Os materiais descritos acima e revisitados compõe a ideia de Salles (2006) sobre documentos de processo na investigação de processos criativos numa trama, num modo relacional. Diários de criação, relatos, vídeos, fotos, memórias são fontes de pesquisa para traçar as tessituras desse processo.

UM MODO DE FAZER (DANÇA) AUTOBIOGRÁFICO

Autobiografia tem sido encarada como “método alternativo” em reação à tradição positivista do fazer científico. Estamos em uma incessante busca por novas metodologias no que refere-se à práxis artística, e, nesse momento encontro a possibilidade do uso da autobiografia “não como um simples enunciado, mas como um ato de discurso literariamente intencionado” (MIRANDA, 2009, p. 25).

Buscando maiores referências no campo literário para delimitação do conceito de autobiografia encontramos em Lejeune (2008) uma rica problematização sobre a definição de um “pacto autobiográfico” que define as diversas categorias de autobiografias textuais. O referido pacto é a relação que se estabelece com a escrita, deixando explícito ou implícito a relação “autor-narrador-personagem”.

Em acordo com Lejeune (2008) uma autobiografia pode ser escrita através de gêneros diversos: em prosa, em poesia, memórias, poema, diário, romance pessoal, um tratado filosófico, carta, autorretrato e tudo isso está relacionado à ideia de identidade, que aqui não é semelhança, e sim, um fato perceptível, sendo definida na conjunção entre autor-narrador-personagem, e na analogia com um corpo ficcional construído na interação “corpo/linguagem/personagem” defendida por Navarro (2009) em sua pesquisa das danças brasileiras ao teatro contemporâneo.

Retomando ao conceito do termo Miranda (2009) aponta a mudança ocorrida com a questão da autobiografia, a partir da década de 60, onde, através do surgimento de um novo gênero que consiste na narrativa de vida de camponeses, operários, artesãos coletadas em narrativas gravadas e publicadas em formas de livros. O fato de gravar memórias contrasta ao fato de escrever e publicar narrativas tidas, até então, como um privilégio das classes dominantes, em contraponto à voz

silenciada do dominado. Assim, coloca-se em cheque noções de autoria, bem como a necessidade da revisão de procedimentos técnico-formais da escrita autobiográfica.

Esse tipo de escrita ligada à crise do indivíduo advinda das dimensões citadas acima, e de um posicionamento marginal, representaria uma possibilidade e entendimento da inter-relação entre vida pública e privada, pessoal e coletivo. No processamento da hibridação cultural (CANCLINI, 2011) e a crise de identidade (HALL, 2006) associamos a essa rede de autobiografias os conceitos defendidos por esses autores como um clarão para entender processos de autorias que se processam na contemporaneidade, principalmente os que estão à margem e na solidificação de um modo de fazer em dança, onde localizo o território desse processo de criação.

A sociedade contemporânea, que rompe com práticas tradicionais e pré-estabelecidas sublinha o culto às potencialidades individuais, oferecendo ao indivíduo uma identidade móvel e mutável. Sem a tradição, abre-se ao indivíduo um desafiador mundo de possibilidades e de escolhas. O indivíduo tem a possibilidade de se auto construir.

Entro em contato, então, com o sujeito pós-moderno, sem identidade fixa, essencial ou permanente, que amparado por Hall (2006) tem a identidade acoplada a uma “celebração móvel”. O indivíduo pode possuir diversas identidades em si, utilizando-as de acordo com os sistemas culturais que os circundam. De acordo com o autor acima, identidade não é automática, é reposta de como somos interpelados pela sociedade. Nessa perspectiva, o sujeito está constantemente em processo, já que identidade não é estanque. “Identidade é o ponto de partida da autobiografia” (Lejeune, 2008, p. 39).

Inventamos então, um processo de criação nessa analogia a escrita textual e

a coreografia evidenciando as tessituras de construção de um “corpo/linguagem/personagem” também inventado, imbricado na ficção – “corpo ficcional” conforme definido por Navarro (2009).

CONCLUSÕES

A dança, o teatro e a performance vem utilizando-se, em grande em larga escala do material autobiográfico em suas produções artísticas. Não são raros estes exemplos. O artista, ao trabalhar com a percepção dos sentidos tem a capacidade de estabelecer uma relação com o mundo mais sensível, de conhecer-se a si próprio, de reconhecer-se também como parte desse mesmo mundo, ou seja, é possível desenvolver certa autonomia.

Sendo o corpo um caleidoscópio de experiências na contemporaneidade, a investigação ocorre através dele, como corpo-sujeito das suas histórias de vida, suas experiências, intersecção de linguagens artísticas, as quais são problematizadas sob a perspectiva da complexidade de suas relações para análise dos resultados, observando a proposta de um caminho transdisciplinar que legitime a prática da experiência sensível como produção de conhecimento nas artes da cena.

As tessituras do percurso criativo têm sido registradas processualmente, tencionando relações entre os diversos caminhos trilhados no percurso de criação apontando para a dissolução de fronteiras entre as linguagens artísticas, bem como o processo de treinamento, preparação, criação coreográfica, dramaturgia e interpretação e vem ao encontro da fala da pesquisadora de Salles (2008) sobre a construção de uma rede de criação, onde a visão de autoria apresenta uma perspectiva relacional, não centrada num indivíduo isolado. Arte e vida imbricam-se num movimento incessante entre o que é real e o ficcional.

Referências bibliográficas

- CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 2011.
- GHIRALDELLI JR., P. **O corpo: filosofia e educação**. São Paulo: Editora Ática, 2007.
- HALL, S. **A identidade na pós-modernidade**. Trad. SILVA, T. T. & LOURO, G. L.: Rio de Janeiro: DP&A editora, 2006.
- JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. Natal; EDUFRN; 2010.
- LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet**. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. 404p. il.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- MIRANDA, W. M. **Corpos escritos: Graciliano Ramos e Silviano Santiago**. 2ª Ed. São Paulo: EDUSP, 2009.
- MULLER, R. **Ritual, Schechner e Performance**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 11, n. 24, p. 67-85, jul./dez. 2005.
- NAVARRO, G. M. **Corpo ficcional: da dança brasileira ao teatro contemporâneo**. 136 p. Tese (Doutorado em Artes). Instituto de Artes/Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.
- SALLES, C. A. **Redes da criação: construção da obra de arte**. São Paulo: Editora Horizonte, 2006.
- SALLES, C. A. **Crítica genética: fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística**. 3ª ed. São Paulo: EDUC, 2008.